



## MEMÓRIA, CORPO E ENFERMIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE A FILOSOFIA DE HEIDEGGER E A ARTE DE FRIDA KAHLO

José Isaac Costa Júnior

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: zejr.013@gmail.com

Arlindo Antonio do Nascimento Neto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: arlindo2911@gmail.com

Caroline Vasconcelos Ribeiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: carolinevasconcelos@hotmail.com

1809

### INTRODUÇÃO

Em seu diário, publicado postumamente e intitulado *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*, a artista mexicana torna explícita a sua luta contra dores e padecimentos corporais decorrentes de suas múltiplas intervenções cirúrgicas. Por meio de textos e de desenhos tracejados no diário, Frida expressa uma memória corporal que traz as marcas de sua experiência de desterro existencial, decorrente da lida cotidiana com a dor e com as limitações corpóreas. Nesta pesquisa, realizamos uma abordagem fenomenológico-existencial de trechos do diário e de algumas de suas telas tendo como referência a maneira como Heidegger (2001) pensa a corporeidade humana e a experiência de padecimento corporal. A obra de Kahlo é utilizada na pesquisa como uma potente expressão da experiência de estranhamento, infamiliaridade e esperança, que se fazem presentes na enfermidade. Nosso objetivo consiste em estabelecer um diálogo entre a filosofia heideggeriana e a arte Frida atravessado pela temática do corpo, da memória e da experiência existencial de enfermidade.

Para alguns comentadores, Heidegger foi negligente ao tratar a questão do corpo em suas análises fenomenológicas sobre os modos de ser do humano, do *Dasein*. Ciocan (2001) elenca críticas como a de Michael Haar, para quem Heidegger não teria pensado a animalidade do ente que nós mesmos somos, e a de Derrida, para quem seria possível constatar uma carência da discussão sobre a diferença sexual do *Dasein*. Numa linha diferente desta, encontramos outros pesquisadores, como Kevin Aho e James Aho (2008), Maxence Caron (2008), Toombs (1988) e Reis (2016; 2020) que, não só reconhecem a presença de uma discussão sobre o corpo na filosofia de Heidegger, como a entendem como uma ferramenta teórica frutífera para uma abordagem fenomenológica da enfermidade. Essa pesquisa se

Realização:



Apoio:





justifica porque, além de examinar uma abordagem que destina um olhar humanizado para a experiência de padecimento corporal – que pode ser útil para as ciências humanas e para as ciências da saúde – faz este exame a partir de um diálogo com a arte e a memória autobiográfica de uma das pintoras que mais retratou a dor corpórea e a esperança de uma vida sem os limites extremos da enfermidade.

Em uma carta a Antonio Rodriguez, Frida afirma: “minhas pinturas são a mais franca expressão de mim mesma, sem levar em consideração julgamentos ou preconceitos de quem quer que seja” (KAHLO. In: HERRERA, 2011, p.384). Desconfortável com a tentativa de ser classificada como pertencente a alguma escola de arte, escreve na referida missiva: “alguns críticos tentaram me classificar como surrealista; mas não me considero surrealista [...] eu realmente não sei se meus quadros são surrealistas ou não, mas sei que são expressão mais sincera de mim mesma” (KAHLO. In: HERRERA, 2011, p.384). Ao fazer da arte um caminho de expressão sincera de suas vivências, importando-se menos com a pertença a uma categoria estética, do que com o uso da pintura como um veículo que lança luz sobre si mesma, sobre suas mazelas corpóreas e emocionais, sobre sua potência, sobre seu engajamento político, enfim, sobre seu modo de existir e ser-no-mundo, Kahlo nos oferece um arsenal pictórico capaz de elucidar e tornar transparente, em tintas e traços, a leitura fenomenológica acerca da experiência humana de enfermidade.

1810

## METODOLOGIA

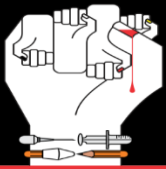
A metodologia desta pesquisa é de natureza bibliográfica e consistiu em um exame rigoroso de fontes primárias – obras de Heidegger e o *Diário* de Frida Kahlo – e de fontes secundárias, como a biografia da artista escrita por Hayden Herrera (2011) e obras de pesquisadores da filosofia heideggeriana como Kevin Aho e James Aho (2008), Maxence Caron (2008), Toombs (1988), Ciocan (2001) e Reis (2016; 2020). A este exame se atrelou uma análise fenomenológica de telas de Frida Kahlo, especialmente: “Memória, o coração” (1937); “As duas Fridas” (1939); “A coluna partida” (1940); “Raízes” (1943); “Sem esperança” (1945); e “Árvore da esperança” (1946). Importante salientar que a pesquisa não realizou uma análise estética das obras referidas, mas uma abordagem que visa captar a experiência de desterro existencial provocada pelas enfermidades e dores que afligiram a vida da pintora.

Realização:



Apoio:





## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra *Seminários de Zollikon*, Heidegger (2001) indica que a medicina ocidental lida com uma concepção de corpo que se ancora em pressupostos da filosofia cartesiana, posto que o entende como *Körper*, ou seja, como corpo material, como coisa ou substância (*res*). Ao problematizar esse modo de conceber o corpo e a maneira como a ciência médica pensa o adoecimento e a saúde, o filósofo alemão nos apresenta uma meditação sobre o sentido de corpo como *Leib* (corpo vivido), o qual não se reduz aos aspectos orgânicos e traz consigo a carga histórico-existencial das vivências humanas. Essa maneira de pensar a corporeidade humana fez com que teóricos da enfermidade e da saúde se interessassem pela fenomenologia heideggeriana.

Segundo Reis (2016), o marco fenomenológico de abordagem da enfermidade atribui uma maior relevância para a perspectiva da primeira pessoa, apontando para o exame das maneiras como o adoecer atinge nosso modo de ser-no-mundo. Nesta perspectiva importa investigar não apenas os aspectos orgânicos envolvidos na enfermidade, mas, sobretudo, a maneira como ela atua na experiência do corpo vivido (*Leib*). Uma vez que nossa corporeidade não se reduz à dimensão orgânica e congrega os aspectos de nossa trajetória, a perspectiva fenomenológico-existencial deixa de abordar o adoecer como algo relativo apenas às suas características anatomofisiológicas. Nesse contexto teórico, o fenômeno da enfermidade é encarado como uma ruptura na unidade do ser-no-mundo-corporificado, de modo que todos os aspectos determinantes do corpo vivido são afetados. (REIS, 2016; 2020). As telas “A coluna partida” de (1940) e “Árvore da esperança” (1946) retratam isso.

Herrera (2011, p.9) destaca “a bravura e indomável alegria em face do sofrimento físico” como características da pessoa de Kahlo. Além de suportar sequelas da poliomielite que teve na infância, aos dezoito anos de idade Frida sofreu um acidente com o ônibus que a transportava e foi “(...) literalmente empalada por uma barra de ferro; sua coluna foi fraturada, a pélvis foi esmagada e ele teve um dos pés quebrados” (HERRERA, 2011, p.9-10). Desde este dia até o fim de sua vida ela usou diversos coletes ortopédicos, fez várias cirurgias, conviveu com dores, recidivas de doenças e a “fratura na pélvis resultou numa sucessão de abortos espontâneos e pelos menos três abortos cirúrgicos” (HERRERA, 2011, p. 10). A sua coluna partida, os abortos, as cirurgias, as infundáveis internações, a amputação do pé, sua força, sua esperança e seu desespero podem ser reconhecidos em suas telas e em muitas páginas de seu diário íntimo. Reconhecemos isso nas telas “Memória, o coração” (1937), “As



duas Fridas” (1939) e “Sem esperança” (1945). Por pintar a sua própria realidade, Kahlo nos oferece uma arte capaz de lançar luz em conceitos de natureza filosófica, tornando-se um veículo pedagógico poderoso para a articulação dialógica entre a Filosofia, a Arte e o campo das Ciências Humanas e da Saúde. Em função disso, justifica-se a escolha da conexão entre Heidegger e Kahlo.

Um resultado a se destacar nesta pesquisa, relaciona-se ao entendimento que uma enfermidade crônica, um diagnóstico de um adoecimento severo, devem ser compreendidos como algo que traz consigo “(...) uma peculiar atmosfera do acósmico. Estar enfermo é estar desterrado no mundo, vivenciado como uma experiência obstrusiva permanente ou recorrente, como uma ênfase no desterro que se insinua na angústia” (REIS, 2016, p.126). James Aho e Kevin Aho (2008) apontam que o adoecimento, se sério o suficiente, pode nos mergulhar nas profundezas da angústia, a qual, para Heidegger, não é como o medo de algo específico, mas uma inquietante percepção de que minha existência, até agora aparentemente bem-organizada, é penetrada por um abismo, pela falta de sentido – o que me faz encarar a minha finitude.

Outro resultado desta pesquisa nos encaminhou para a constatação de que o adoecimento traz consigo uma dúvida corporal, uma dúvida sobre as habilidades e sobre a memória corporal que, antes do diagnóstico, me faziam sentir um senso corriqueiro de controle do meu ser-no-mundo (REIS, 2020). Como resultado da pesquisa convém indicar, ainda, a constatação de que a obra de Frida Kahlo dá contornos a esta experiência humana de corporeidade, posto que expõe em suas telas seu corpo vivido, um corpo que traz consigo a carga de seu existir histórico. A obra de Kahlo ilustra a visão heideggeriana de que todo o comportamento do ser humano, como um ser-no-mundo, é determinado pelo corporar do corpo vivido (*Leib*). Um outro resultado, consiste na constatação de que é em função desse modo de abordar o corpo que, dentre outras, a filosofia de Heidegger é usada para fundamentar a teoria fenomenológica da medicina que entabula o paradigma do corpo vivido (TOOMBS, 1988).

## CONCLUSÕES

A partir do exame da filosofia heideggeriana e de teóricos relacionados ao paradigma do corpo vivido ficou claro que, ao corporar, o ente que nós mesmos somos, o *Dasein*, é o seu poder-ser e existe como um ente lançado num horizonte de múltiplas possibilidades de ser-no-mundo; as enfermidades desvelam-se como modos privativos desse poder-ser, corporalmente, no mundo. Com isso, o *Dasein*, nós mesmos, somos arrancados do fluxo tranquilo da vida



cotidiana e tragados pela doença. O mundo – enquanto horizonte de possibilidades familiares que se abria para mim – não faz mais sentido como antes fazia, e o corpo, via de acesso ao mundo, pode ser tornar um fardo e uma fonte de estranhamento. Kahlo desnudou em telas – a exemplo de “Raízes” (1943) e “Sem esperança” (1945) – a experiência de infamiliaridade que consiste em habitar a estranha terra do corpo que padece, ao mesmo tempo em que mostrou força e altivez para encarar a dor e os desafios impostos por sua história de múltiplas intervenções cirúrgicas, demoradas internações e longos processos de reabilitação. Concluimos entendendo o quão importante é a perspectiva do paradigma do corpo vivido para a humanização do campo dos cuidados em saúde; o quanto a filosofia heideggeriana pode oferecer substrato para se pensar as enfermidades; e o quão frutífero é o diálogo filosófico com a arte e com a memória autobiográfica de Frida Kahlo

1813

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte. Corpo. Enfermidade. Frida Kahlo. Heidegger.

## REFERÊNCIAS

AHO, J; AHO, K. **Body matters:** a phenomenology of sickness, disease, and illness. United Kingdom: Lexington Books, 2008.

CARON, M. Sur la question du corps dans la pensée de Heidegger. *In: Archives de Philosophie*, Paris, vol.71, n.2, p.309-329, abr./jun. 2008.

CIOCAN, C. La vie et la corporalité dans Être et Temps de Martin Heidegger. *In: Studia Phoenomenologica*, Bucareste, vol.1, p.61-93, 2001.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon:** protocolos, diálogos, cartas. São Paulo/Petrópolis: EDUC/Vozes, 2001.

HERRERA, H. **Frida:** a biografia. São Paulo: ed. Globo, 2011.

KAHLO, F. **O diário de Frida Kahlo:** um autorretrato íntimo. Tradução de Mário Pontes. Introdução de Frederico Morais. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

REIS, R. A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão. *In: Natureza Humana*, São Paulo, v.18, n.1, p. 122-143, 2016.

REIS, R. Fenomenologia hermenêutica e as noções de confiança e memória corporal na descrição da experiência da enfermidade. *In: Prometeus. Filosofia em Revista*, São Cristóvão, v. 33, p. 101-128, 2020.

TOOMBS, K. Illness and the Paradigm of lived Body. *In: Theoretical Medicine* v. 9, n. 2, p. 201-226, 1988.

Realização:



Apoio:

